

ANÁLISE DOS FENÔMENOS DE DESNASALIZAÇÃO E RETROFLEXÃO NA PRODUÇÃO ORAL DO PORTUGUÊS PELOS FALANTES DE LÍNGUA INGLESA

Marília Gomes Teixeira (CNPq/UFPE)
marilia_gteixeira@hotmail.com

Introdução

Até o início do século XX, a língua portuguesa ocupou uma posição relativamente modesta entre os idiomas mais importantes do mundo, obtendo representação mundial apenas em meados dos anos 1940. De acordo com Lima Sobrinho (2000), a partir da década de 80, o aumento da representatividade do Brasil em termos culturais e econômicos no âmbito internacional foi um fator de extrema relevância para a intensificação da migração de estrangeiros para o país.

Tal fato propiciou de maneira considerável a expansão de nossa língua: a imersão do não-nativo em nossa cultura contribuiu para que optassem por aprender o português, seja de maneira informal, apenas pela convivência com os nativos, ou formalmente, por intermédio de cursos específicos.

Tamanho representatividade acarretou uma maior demanda de pessoas interessadas em aprender o português. Dados estes fatos, faz-se necessária uma abordagem acerca de sua pronúncia pelos falantes de língua inglesa por variados motivos; entre eles, a complexa estrutura fônica do idioma, acarretando em erros pelos falantes, comprometendo a comunicação.

No intuito de analisar tais dificuldades, entrevistamos indivíduos cuja língua materna é o inglês, mas que encontram-se imersos e demonstrem fluência no português. A partir da fala destes indivíduos, identificamos os fenômenos fonológicos que contribuíram para a pronúncia característica dos mesmos, no intuito de avaliar em que nível as interferências ocorreram na aprendizagem deste idioma.

Em seguida, realizou-se a transcrição fonética dos dados coletados. Para tanto, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional (IPA) para a construção dos quadros fonéticos da língua. Com base em teorias fonológicas e a partir das leituras realizadas, daremos início, então, à comparação dos fonemas das línguas em questão, no intuito de indicar as semelhanças e diferenças entre ambos os sistemas linguísticos.

1. Interferências e transferências fonológicas

Devido às diferenças consideráveis entre os sistemas fonéticos inglês e o português, são perceptíveis as dificuldades dos estrangeiros em executar oralmente nossa língua. Isso se deve à natural transferência dos padrões da língua materna no momento da aprendizagem da língua estrangeira. Ademais, algumas dessas interferências permanecem mesmo quando da imersão de longo prazo no país, sendo facilmente identificáveis pelo falante nativo sua a pronúncia peculiar.

Tendo em vista que a comunicação é necessidade fundamental na vida do ser humano, pode-se considerar a fala como meio de interação social mais importante. A comunicação oral está diretamente relacionada a uma determinada língua, porém, de maneira geral, o aparelho articulatório dos seres humanos mostra-se sabidamente limitado em relação ao complexo universo linguístico.

Haja vista o exposto, vale considerar que o uso que o ser humano faz do seu aparelho articulatório dependerá intrinsecamente do idioma materno, o que explica as

geralmente existentes *interferências fonológicas*¹ na pronúncia de uma língua estrangeira.

Várias pesquisas e teorias têm procurado apontar alguns dos fatores que explicam o processo pelo qual a aprendizagem de um segundo idioma ocorre. De acordo com Rinvolucrí (2004), o aprendiz observa a língua materna como algo amplo, e a estrangeira como algo pequeno e duvidoso. A *transferência*² de padrões da língua materna é um fenômeno recorrente, pois os falantes creem em seu sistema fonético como correspondente a um código universal dos sons da fala, como constata Flege (1981, in Schütz, 2008):

Language learners who perceive sounds in the target language to be phonologically identical to native language sounds (despite possible phonetic differences between the two languages) may base whatever phonetic learning that does occur during the acquisition process on an acoustic model provided by pairs of similar sounds in two languages, rather than on a single language-specific acoustic model as in first-language acquisition.

O autor deixa claro, portanto, que desde aprendiz, o indivíduo dificilmente reconhecerá as diferenças fonológicas da língua estrangeira, o que tende a prevalecer durante toda a experiência de uso da mesma e, por consequência, interferir consistentemente em sua produção oral.

A língua portuguesa como segundo idioma, por sua vez, não se encontra excluída de tal contexto, sofrendo a influência de todos estes fenômenos linguísticos. Tendo em vista o aumento na exposição do Brasil nos mais variados campos dentro cenário mundial, e a conseguinte elevação no número de aprendizes do português (destaquem-se os indivíduos possuidores do inglês como língua materna), torna-se fundamental abordar as questões fonético-fonológicas, no intuito de identificar o grau de influência das mesmas na produção oral da língua portuguesa por parte dos falantes não nativos.

2. Os informantes e Metodologia

Para a nossa pesquisa, foram selecionados oito indivíduos falantes de língua inglesa os quais encontram-se imersos no idioma português e que apresentam boa *fluência* nessa língua. Por se tratar de um conceito de cunho intuitivo e de percepção, algumas definições como "comunicar-se bem", "de maneira objetiva" e "fácil de acompanhar" são aceitas entre os indivíduos, embora sejam bastante subjetivas. Tais assertivas nos revelam, portanto, que a grande dificuldade gira em torno da natureza teórica.

Filmore (1979) e Lennon (1990) apud Silva (2000), por sua vez, conceituam fluência de maneira mais sistemática. Inicialmente, estabelecem uma diferença relevante sobre a fluência dos falantes. Os autores creem que há variadas maneiras de julgar se os indivíduos são ou não fluentes, como segue:

- 1) O indivíduo que preenche o tempo com conversa, isto é, não tem de parar várias vezes para pensar no que vai falar ou de que maneira vai expressar-se;
- 2) O indivíduo que, ao falar, usa frases coerentes, racionais e semanticamente densas;

¹ Que, de acordo com Schütz (2008), trata-se “da ocorrência de desvios perceptíveis, de uma língua para outra, no âmbito da pronúncia, do vocabulário e da estruturação de frases”.

² Que, ainda segundo Schütz (2008), refere-se ao “aproveitamento de habilidades linguísticas prévias no processo de assimilação da língua estrangeira”.

- 3) O indivíduo que tem coisas apropriadas a dizer em número variado de contextos diferentes daqueles que só são fluentes em ambientes conhecidos e se calam completamente na presença de estranhos em situações inesperadas;
- 4) O indivíduo que é criativo no uso da língua, expressa suas ideias, faz piadas, trocadilhos, constrói metáforas, varia estilos, etc.
- 5) O indivíduo que reúne todas essas habilidades

Embora haja certa inconsistência quanto à conceituação de fluência, tomaremos esta expressão como um qualitativo do desempenho oral dos falantes, e basear-mos-nos na definição dos autores acima citados. Desta forma, consideramos fluente o indivíduo que apresentou as características comumente associadas ao conceito de fluência, como desenvoltura, espontaneidade e rapidez em suas respostas, bem como mostrar-se capaz de adaptar sua produção oral aos variados contextos situacionais, demonstrando coesão e coerência ao comunicar-se. Os indivíduos que compuseram nosso corpus, como já acima mencionado, são estrangeiros cuja língua materna é o inglês e encontram-se imersos em nossa cultura, sendo assim, fluentes em nosso idioma.

O procedimento inicial, no intuito de registrar as interferências e transferências fonológicas da produção oral dos falantes, foi entrevistá-los por aproximadamente 1h. Os informantes responderam livre e espontaneamente aos questionamentos, sem induções de qualquer tipo. Em seguida, utilizamos o Praat, um programa de análise acústica e síntese de fala, desenvolvido no Departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã, Holanda (esse programa pode ser atualizado através de download: www.praat.org. Foi utilizada a versão 4.4.30). Identificamos *oito* tipos de fenômenos, entre os quais *quatro* foram unânimes e mais recorrentes entre os indivíduos. Apenas a título de demonstração de nossa proposta e por motivos de disponibilidade de espaço nesta comunicação, analisaremos *dois* destes fenômenos: *Retroflexão do r em meio e final de vocábulo e em encontros consonantais e Desnasalização*.

3. Análise dos dados

3.1 Retroflexão do r em meio e final de palavra e em encontros consonantais.

De acordo com Miranda (2007) as línguas geralmente apresentam um som rótico, (consoantes vozeadas associadas à letra "r") em seu sistema fonológico. As manifestações fonéticas destes sons no português e em vários outros idiomas são bastante diversificadas, apresentando traços articulatórios diferenciados entre as línguas. Na língua portuguesa, Mattoso Câmara (1970), afirma que a produção dos sons róticos, ou vibrantes, ocorre em variação livre devido às flutuações que a língua sofre. Miranda (2007) elenca os ambientes em que as vibrantes ocorrem nas sílabas e nos vocábulos desta língua:

- a) em posição de ataque, no início da palavra como em [R]ua, [R]aíz e [R]ecado;
- b) em posição de coda, na qual [r] e [R] são alofones, como nos exemplos ca[r]ta, ca[R]ta, pa[r], pa[R]. As pronúncias com [r] são típicas dos estados do Sudeste e Sul do país e as pronúncias com [R] são características da região Nordeste;
- c) dentro da palavra, em posição de ataque, para indicar contraste, como nos exemplos ca[r]o e ca[R]o;
- d) após obstruintes tautossilábicas, ocorre apenas o [r] como em p[r]ato e ped[r]a;

e) em posição de ataque, após as consoantes /l/, /n/ e /s/, ocorre apenas o [R], como em *guel[R]a*, *hon[R]a* e *Is[R]ael*. (p.26)

Tendo em vista a maneira variável pela qual as realizações do *r* são utilizadas, consideraremos apenas aquelas que culminam em diferenças bem marcadas no português do grupo já mencionado, em relação ao português de falantes nativos do Brasil/Recife.

Percebe-se, contudo, que o *r* retroflexo [ɾ] não foi mencionado pelo autor em sua classificação. Esta variante fonética se restringe a dialetos específicos (como em cidades e municípios interioranos da região Sul e Sudeste) e ocorre em ambiente também específico: em posição de coda, também sendo um alofone de [R] e [r], não havendo registros no português brasileiro de sua ocorrência nos demais ambientes. Então, podemos acrescentar no segundo exemplo dado por Miranda (2007) o seguinte: em posição de coda, os alofones são [R], [r] e [ɾ], como em *ca[R]ta*, *ca[r]ta* e *ca[ɾ]ta* ou *pa[R]*, *pa[r]* e *pa[ɾ]*. No entanto, pelo fato de esta variante não ser recorrente no dialeto em questão (o recifense), consideraremos sua ocorrência na fala dos nossos informantes como um aspecto de interferência linguística.

No tocante à realização do *r* na língua inglesa, Macmahon (2002) afirma que

the symbol /r/ is used for this phoneme [...] primarily because it is typographically convenient; but different realisations of /r/ are found throughout the English-speaking world. [...] [r] itself, the voiced alveolar trill, is rather rare. The tapped realisation, [ɾ], is also alveolar; but another even common pronunciation is not. This is the voiced retroflex approximant, [ɻ], which is produced with the tip of the tongue curled back slightly behind the alveolar ridge; this is the most common realisation of /r/ for speakers of English³(p.32)

Marschepe (1970) e Roach (2009) também asseveram que a ocorrência do [ɻ] é bem maior do que o [r] e o [R], porém, fazem uma pequena ressalva sobre a pronúncia do retroflexo. Os autores constataam que em alguns dialetos, mais precisamente os do oeste da Inglaterra, existe um apagamento do [ɻ] em posição final de vocábulo (ex: *car* = [ˈkɑ:]) e em posição de coda/limite de sílaba (ex: *verse* = [ˈve:s]), havendo um prolongamento da vogal em ambos os casos (p.50). No entanto, em consonância com a afirmação de Macmahon (2002), constataam que a realização mais comum do *r* na língua inglesa é em sua forma retroflexa na maioria dos dialetos.

Assim, tomando como base o sistema fonológico geral da língua inglesa, o [ɻ] ocorre nos seguintes ambientes: em encontros consonantais, como em *p[ɻ]ay*; *t[ɻ]ash*; *b[ɻ]ing*; em posição intervocálica, como em *mo[ɻ]e*; *the[ɻ]e*; *Sa[ɻ]ah*; em posição de ataque (início de vocábulo) como em *[ɻ]oad*; *[ɻ]ich*; *[ɻ]aft*; em posição de coda (fim de vocábulo) como em *sta[ɻ]*; *floo[ɻ]* e *fu[ɻ]*.

³ o símbolo /r/ é utilizado para este fonema [...] principalmente porque é tipograficamente conveniente, mas diferentes realizações do /r/ são encontrados em todos os dialetos da língua inglesa. [...] O próprio [R], consoante alveolar vozeada, é bastante raro. A realização do tepe, [r], também é alveolar, mas sua pronúncia ainda não é comum. A consoante retroflexa aproximante vozeada, [ɻ], que é produzida com a ponta da língua ligeiramente enrolada para trás, perto dos alvéolos, é a realização mais comum de /r/ para os falantes do inglês.

Ao fazer uma comparação com as diversas realizações do *r*, Azevedo (1942) afirma que, sob uma perspectiva estritamente fonética, há bons motivos em se considerar que o [r] e o [R] da língua portuguesa não possuem correspondentes "perfeitos" em inglês. Estruturalmente falando, contudo, existe uma certa correspondência, embora com uma distribuição que é totalmente nova para o falante de língua inglesa. Para o [r] português, a realização mais próxima disponível no inventário fonético do inglês seria o *flapped sound*, que ocorre intervocalicamente em alguns vocábulos, como em *waiter* e *writer* (i.e: [weɪ^lrəɹ] e [^lwɹaɪrəɹ]). Todavia, conforme Azevedo (1942, p.79), trata-se de um som que não é facilmente transferido. No tocante à pronúncia destes dois últimos vocábulos, vale ressaltar, mais uma vez, que a realização do chamado *flapped sound*, também ocorre em dialetos americanos específicos. Assim, podemos depreender que, na língua inglesa, não há ocorrência de um correspondente para a vibrante simples [r], nem para a vibrante múltipla [R] neste idioma. Sobre este último fonema, porém, existe a dificuldade de transferência quando em ambiente específico, i.e, em posição de coda. Em nossos registros não identificamos a ocorrência de [ɹ] em início de vocábulo, isto é, neste ambiente, houve a produção do [R] sem dificuldades.

A partir destas diferenças estruturais, as quais se revelam consideráveis, podemos perceber que, pelo fato de a consoante retroflexa ser bastante recorrente na língua inglesa, existe uma grande influência da realização deste som em estruturas silábicas do português nas quais ela não ocorre. E por estarmos lidando com a variação dialetal recifense, não há registros de retroflexão do *r* na fala dos nativos. Assim, pelo fato de não haver "correspondentes perfeitos", conforma Azevedo (1942), do [R] e do [r] portugueses na língua inglesa e de não termos identificado realizações de retroflexos em nosso dialeto, nossas suspeitas de que a produção do [ɹ] diz respeito a uma transferência linguística se confirmam.

O fenômeno da retroflexão foi o mais recorrente e unânime em todos os informantes de nosso corpus. Foram selecionados para constituir as tabelas a seguir e apenas a título de demonstração dos fenômenos **um** exemplo de retroflexão, respectivamente, em posição de coda; em final de vocábulo; em encontros consonantais tautosilábicos; em posição intervocalica.

Ao lado de "Informante (nº)", seguem as letras indicadoras de, respectivamente, sexo, nacionalidade, tempo de permanência do Brasil/Recife e se fez parte de cursos específicos de português para estrangeiros; a seguir:

- 1) Sexo: Homem = H; Mulher = M
- 2) Origem: Escócia = Es; Estados Unidos = Us; Irlanda = Ir; Nova Zelândia = Nz;
- 3) Tempo no país: Mais de 5 anos = Ma; Menos de 5 anos = Me
- 4) Curso de português para estrangeiros: Sim = S; Não = N

Tabela 1. Exemplos de ocorrências de retroflexão do *r*

	Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
Informante I H.Es.Ma.N (85 casos)	Inverno	[in ^l vɛ fɪnʊ]	[in ^l vɛ ɹnʊ]
Informante II M.Ir. Ma.N (123 casos)	Verde	[^l vefɪdɪ]	[^l vɛ ɹdɪ]
Informante III H.Ir.Ma.N (85 casos)	Aquecedor	[akese ^l do]	[akesi ^l dɔɹ]

Informante IV H.Ir.Me.S (93 casos)	Lugar	[lʊˈgɑ]	[lʊˈgɑɾ]
Informante V H.Ir.Me.S (92 casos)	Praia	[ˈpraɪə]	[ˈpɾaɪə]
Informante VI M.Us.Me.S (73 casos)	Palavra	[paˈlavɾə]	[paˈlavɾə]
Informante VII H.Us.Me.N (29 casos)	Quero	[ˈkɛ rʊ]	[ˈkɛ ɾʊ]
Informante VIII H.Nz.Ma.S (25 casos)	Zero	[ˈzɛ rʊ]	[ˈzɛ ɾow]

3.2 Desnasalização

Entre as línguas românicas, a língua portuguesa caracteriza-se "por uma emissão nasal das vogais muitas vezes", conforme Mattoso Câmara (1970, p.46). Sabe-se que existe uma grande discordância teórica acerca da classificação das vogais nasais: alguns autores defendem a divisão entre sete vogais orais e cinco vogais nasais, enquanto Mattoso Câmara alega que as nasais são vogais orais seguidas de um arquifonema nasal.

Tais divergências, de acordo com Azevedo (1981), relacionam-se mais à abordagem teórica dos autores do que as diferenças fonéticas em si (p.23)

Em defesa de sua hipótese, Câmara (1970) revela os motivos pelos quais devemos considerar as vogais nasais como a combinação de uma vogal oral e um arquifonema:

- a) "a vogal nasal só se impõe numa língua em que haja contraste distintivo entre vogal nasal e vogal mais consoante nasal" (Câmara Jr., 1977);
- b) as vogais nasais se comportam similarmente às vogais travadas por consoantes;
- c) sílabas travadas são seguidas da vibrante múltipla, e não da vibrante simples. É o primeiro caso que ocorre após as vogais nasais;
- d) os hiatos não se iniciam por nasais na língua portuguesa e, quando poder-se-ia ter uma vogal nasal no hiato, a nasalidade desaparece ou passa para a sílaba seguinte.

Finalmente, o autor constata que as vogais nasais são nasais para todos os falantes da língua portuguesa, de qualquer dialeto. Porém, as vogais nasalizadas podem ser orais ou nasalizadas a depender do dialeto. Não obstante alguns estudiosos terem contestado os critérios de Câmara (1970,1977) expondo um ponto vista contrário, até o presente, nenhum deles trouxe argumentos consistentes para que a teoria mattosiana fosse refutada. Fundamentalmente, tomaremos como base as premissas deste autor, de Milton Azevedo (1981) e de Peter Roach (2009) para a análise dos nossos dados.

Azevedo (1981) considera três casos de nasalização a serem analisados na língua portuguesa. O primeiro, deveras semelhante à teoria de Câmara (1977), é o de que há núcleos nasalizados adjacentes à consoante nasal da sílaba seguinte. Ele afirma que o grau de nasalização varia de um falante para o outro, mas a grande tendência é de se nasalizar o núcleo quando ele é tônico, como em *doma* [ˈdõmə] (p.23). O segundo caso diz respeito ao fato de que também há núcleos nasalizados em posição final de sílaba, os quais são adjacentes a consoantes não-nasais da sílaba seguinte. Em tais casos, a ortografia padrão representa os núcleos nasalizados como vogal + consoante nasal (ex: *campo*, *canto*). De acordo com o autor, num discurso lento e pausado, é possível identificar-se (na sílaba do núcleo) uma obstrução de natureza consonantal, homorgânica à consoante seguinte se esta for [p, b, t, d, k, g, f ou v]. Num discurso rápido, porém, essa obstrução tende a desaparecer juntamente com o núcleo.

O último caso concerne ao núcleo da sílaba nasalizada em posição final. Tal caso deve ser interpretado da mesma forma que o segundo, isto é, como uma sequência de um núcleo simples ou composto seguido de um /n/ subjacente como em *fim* (/fin/), *tem* (/ten/), *mãe* (/main/), *mão* (/maun/), *som* (/son/), *põe* (/poin/) (AZEVEDO, p.26). Percebe-se que a obstrução da consoante nasal se faz presente em todos os casos, mesmo que o som seja palatal [ɲ] seguido de uma vogal frontal (/i/ ou /u/), ou velar [ŋ] precedido de uma vogal não-frontal (/a/, /e/, /o/).

O que o autor considera um "fator complicador" na pronúncia das nasais pelos estrangeiros concerne ao núcleo formado pela vogal especificada como [-baixa] e [-alta], ou seja, o /e/. A sequência /en/ em posição final corresponde foneticamente a [eỹ⁽ⁿ⁾] quando em posição tônica (ex: *também*) ou átona (ex: *sem abrigo*). A inserção de um /i/ entre o /e/ formando um glide acentua a nasalização da sequência dos segmentos, motivo pelo qual a compreensão e produção das nasais pelos falantes estrangeiros pode ser dificultada.

No caso da língua inglesa, também são três as consoantes nasais: /m/, /n/ e /ŋ/. A obstrução do /m/ e /n/ em inglês ocorre de forma semelhante ao português. Porém, no caso da nasal velar /ŋ/, a obstrução se dá a partir no contato da parte posterior da língua com o véu palatino. Este último som apresenta algumas particularidades de pronúncia e sobre o qual Roach (2009) afirma que "[...] it is in summary, phonetically simple (it is no more complex than *m* or *n*, but phonologically complex (it is not easy to describe the contexts in which it occurs))."⁴ (p.48).

Bolinger (1975) sugere que o /ŋ/ fique à parte do inventário fonológico e seja considerado uma derivação da sequência /ng/. Assim, por não haver um som que corresponda exatamente ao /ŋ/ em nossa língua materna e por não haver interferência na pronúncia desta pelos estrangeiros, não se faz necessária uma abordagem aprofundada sobre este segmento. Concentrar-mos-emos, assim, na produção do /m/ e /n/.

Em que pese a língua inglesa apresentar similitudes em relação ao português no tocante à produção de sons nasais, é importante considerar a frequência dos mesmos naquele idioma. Conforme Kent e Read (1992) "as consoantes nasais [na língua inglesa] são responsáveis por aproximadamente 10% dos sons na fala" (p.136). Constata-se, então, que a baixa frequência destes sons torna-se um fator dificultador no momento da produção das nasais portuguesas.

Há que se considerar também que um dos problemas da nasalização das vogais é que ela não afeta as vogais da mesma maneira, porque, no inglês, não há diferença se o som é nasal ou nasalizado, conforme apontam ainda Kent e Read (1992, p.165). Complementando a ideia dos autores acima, Shockey (2003) afirma que há uma tendência do inglês em, numa sequência vogal + consoante nasal, nasalizar a vogal e não haver a oclusão da consoante nasal. Como a própria autora constata:

vowel nasalization before a nasal consonant and loss of the habit of making the closure for the nasal is thought to be the source of phonemically nasal vowels of French (e.g. beau/bon) and Portuguese (se/sim [si/sĩ]) where it is said to be 'phonologized' because the distinction has formally passed from the consonant to the vowel. Clearly, English cannot be said to have gone that far phonologically.⁵ (p.40)

⁴ "em suma, é foneticamente simples (não se revela mais difícil do que o m ou o n, mas é fonologicamente complexo (não é fácil descrever os contextos em que ocorre))".

A nasalização da vogal sem a oclusão da consoante nasal implica na não nasalização da vogal na língua portuguesa. Isto é, no momento da produção oral do português pelo falante estrangeiro, ocorre uma transferência dos padrões da língua nativa. Assim, no momento em que não ocorre a oclusão da consoante, a nasalização total da vogal encontra-se "comprometida" na língua portuguesa, como sugere a autora.

Azevedo (1981) afirma que a nasalização da vogal em inglês é resultado da assimilação com a consoante nasal - processo semelhante ao da língua portuguesa. Em ambas as línguas, trata-se de um processo análogo e não-distintivo, motivo pelo qual, conforme o teórico, os aprendizes tendem a transferir tal competência para a L2.

Em nossa análise, pudemos verificar que todos os informantes apresentaram uma "abertura" da nasalização, isto é, na ocorrência dos sons nasais /ã /, /ẽ /, e /õ / (fonemas mais recorrentes) ou /ã o/ e /ã e/ em alguns casos, os indivíduos estruturaram a sílaba a partir da oralização da vogal seguida da consoante nasal.

Seguem abaixo as tabelas com os registros deste fenômeno apresentados por cada falante. Apresentaremos um exemplo de cada informante apenas a título de demonstração do fenômeno.

Tabela 3. Exemplos de ocorrências de desnasalização

	Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
Informante I H.Es.Ma.N (40 casos)	Pernambuco	[pɛ fɪnã ˈboku]	[pɛ ɾnã mˈboku]
Informante II M.Ir. Ma.N (29 casos)	Tempo	[ˈtẽ pu]	[ˈtɛ mpu]
Informante III H.Ir.Ma.N (33 casos)	Chegamos	[ʃeˈgã muʃ]	[ʃeˈgamuʃ]
Informante IV H.Ir.Me.S (32 casos)	Pão	[ˈpã w]	[ˈpaʊ]
Informante V H.Ir.Me.S (18 casos)	Menos	[ˈmẽ nuʃ]	[ˈmenuz]
Informante VI M.Us.Me.S (22 casos)	Durante	[duˈrã ti]	[duˈrantɪ]
Informante VII H.Us.Me.N (21 casos)	Ano	[ˈã nu]	[ˈanʊ]
Informante VIII H.Nz.Ma.S (43 casos)	Mãe	[ˈmã j]	[ˈma.j]

4. Considerações finais

Considerando-se a razoável diferença entre os sistemas linguísticos português e inglês, é previsível a ocorrência de equívocos e "confusões" por parte dos falantes estrangeiros. Tal fato levanta questionamentos a respeito da continuidade destas

⁵ "a nasalização de vogais antes de uma consoante nasal, e a perda do hábito de se proceder à oclusão para a nasal é considerada a razão de vogais fonemicamente nasais do francês (e.g. *beau/bom*) e do português (se/sim[si/s_]) onde se diz que as vogais foram "fonologizadas" porque a distinção passou formalmente da consoante para a vogal. Claramente, não pode se dizer que o inglês foi tão longe assim fonologicamente"

interferências, tendo em vista que, de acordo com alguns aspectos teóricos da Fonologia do uso, "a frequência desempenha papel primordial na implementação de mudanças sonoras e na configuração do componente fonológico" (Cristófar, 2009, p.225) A partir disto poderemos depreender que, quão maior for o contato com a língua, mais consciência o indivíduo terá da pronúncia e a executará pela constância com que ouve. Ainda conforme esta vertente, a capacidade de articular, perceber, armazenar e analisar o material linguístico estão diretamente relacionadas à experiência linguística do falante; o que poderia nos levar a concluir que o longo tempo dos indivíduos em nosso país amenizaria as interferências fonológicas da língua materna para a língua-alvo.

Nossa pesquisa visou a identificar estes fenômenos fonológicos no intuito de contribuir para que estes sejam minimizados através da conscientização da relevância da fonética para o indivíduo não nativo e até mesmo no ensino de língua estrangeira; possibilitando, assim, que a comunicação ocorra com maior êxito.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, M. M. **A contrastive analysis of Portuguese and English Phonology.** Georgetown University Press, Washington D.C, 1942.
- BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia no português brasileiro.** 2 ed, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1996.
- BOTELHO, J.M. A nasalidade das vogais em português. In REVISTA SOLETRAS, ano VII, nº 14. São Gonçalo, UERJ, 2007.
- CALLOU, D. & LEITE, Y.: **Iniciação à Fonética e à Fonologia.** 9 ed. Coleção Letras. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CAMARA, J.M. **Estrutura da língua portuguesa.** ed. 21. Ed Vozes, Petrópolis, 1985.
- CHAMBERS, F. What do we mean by fluency? In: SYSTEM, 25 (4), 1997, p. 535-544.
- DUTRA, A. **As vibrantes na fala de americanos aprendizes do português.** Estudos Linguísticos, Ano XXXIII. Universidade Estadual de Londrina, 2004.
- FILLMORE, C. J. On Fluency. In: INDIVIDUAL DIFFERENCES IN LANGUAGE ABILITY AND LANGUAGE BEHAVIOR. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1979.
- FONSECA, O. Vogais nasais do português: pressupostos e discussão. In: REVISTA ALFA, Departamento de Linguística, UNESP, São Paulo, Assis, 1984.
- LEITE, Y. O pensamento fonológico de J. Mattoso Câmara Jr. In: ESTUDOS DA LÍNGUA(GEM) - M. Câmara e os estudos linguísticos no Brasil. Rio de Janeiro, 2005.
- LIMA SOBRINHO, B. **A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- MASCHERPE, M. **Análise comparativa dos sistemas fonológicos do Inglês e do Português.** São Paulo, 1970. Ed. EGRT.
- RINVOLUCRI, M. **Mother tongue in the foreign language classroom.** Modern English teacher, London, Abril, 2001.
- ROACH, P. **English Phonetics and Phonology - A practical course.** Ed.4. Cambridge, 2009.
- SCHÜTZ, R. **Sinalização Fonética English Made in Brazil,** 2008.
- SILVA, T.C. **Fonética e Fonologia do Português.** Ed.9. São Paulo, Contexto, 2009.